

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Jorge Semprun: Crítica aos Totalitarismos em *Um belo domingo* e *O morto certo*.

Guilherme Gouvêa Soares Torres-UFES¹

Resumo: O presente trabalho visa um diálogo entre História e Literatura a partir da obra de Jorge Semprun (1923-2011). Ex-militante do Partido Comunista Espanhol (PCE), o escritor passou dois anos no campo de concentração de Buchenwald e relata suas experiências em sua obra ficcional. Através de sua leitura, pretendemos discutir o sentido de sua narrativa, entendendo esta como um documento político, a partir da sua abordagem de suas críticas ao totalitarismo, especialmente ao stalinismo. Semprun faz uma autocrítica quanto à sua atividade no PCE e orientaremos nosso trabalho a esse aspecto de sua obra.

Palavras-chave: Totalitarismo; literatura de testemunho; Jorge Semprun

...Pensava também na essencial ambigüidade das mensagens que cada um de nós vai deixando para trás, do nascimento até a morte, e na nossa profunda incapacidade de reconstruir uma pessoa por meio delas, o homem que vive a partir do homem que escreve: quem quer que escreva, mesmo que apenas nos muros, o faz em um código que é só seu, que os outros desconhecem – e quem fala, também. Transmitir com clareza, exprimir, exprimir-se e tornar-se explícito é coisa para poucos: alguns poderiam e não querem, outros gostariam, mas não podem, e a maior parte não quer nem sabe (Primo Levi).

O trecho do conto *Decodificação* de Primo Levi expõe um desafio para o historiador que tem por fonte a literatura: como percorrer os meandros do texto e assim propor uma interpretação legítima deste escrito? Como reconstruir uma pessoa através de suas mensagens e atribuir-lhe um sentido?

¹ Estudante de graduação em História pela Universidade Federal do Espírito Santo, desenvolve atividades de iniciação científica no grupo de pesquisa “Cotidiano, cultura e poder na Europa do Entre-Guerras”, sob orientação do professor Dr. Geraldo Antonio Soares.

O trabalho por trás dessa comunicação se debruça sobre estes e outros dilemas, a partir da obra do escritor espanhol Jorge Semprun. Nascido em Madrid no ano de 1923, Semprún era filho de uma família da burguesia espanhola, apoiadora do governo democrático derrubado por Franco após a Guerra Civil. A vitória do generalíssimo motiva o primeiro dos tantos exílios² do escritor. Tendo ingressado na resistência francesa em 1941, ano que abandona o curso de Filosofia iniciado na Sorbonne em 1939, o escritor é preso em 1943 e deportado para Buchenwald, região da Turíngia, Alemanha, permanecendo até 11/04/1945, dia da libertação do campo pelas tropas americanas.

O foco desse estudo, dentre tantos outros possíveis, está justamente nos *totalitarismos*, pois este é um tema que atravessa a biografia do escritor espanhol. Prisioneiro no campo de Buchenwald entre 1943 e 1945 e membro do Partido Comunista Espanhol (PCE) até 1964, a relação entre o homem e o poder travada nos regimes nazista e bolchevique é retratada nas obras *Um belo domingo* (1980) e *O morto certo* (2001). O primeiro livro traz uma avaliação do autor a respeito da sua vivência como militante no PCE a partir da narração a respeito de um domingo vivido no *Lager*. Já o texto de 2001 traz um relato de caráter semi-biográfico sobre o cotidiano de Buchenwald, no qual Semprún traz algumas reflexões importantes sobre a sua postura como militante político, tanto dentro do campo quanto fora. O intuito desse estudo é justamente analisar tais leituras do autor acerca de seu mundo e sua biografia e compreender de que forma suas posições são colocadas em seu texto. Importante a se enfatizar de saída o uso da ficção por

² Segundo Ofelia Ferrán (1998, p.109 *apud* MARÇAL, 2013, p.103-4), o exílio é uma temática central na obra de Jorge Semprún. Desde a Guerra Civil da Espanha (1936-1939), até sua condição clandestina como membro do PCE, passando inevitavelmente pela experiência em Buchenwald, a condição de expatriado parece uma constante na biografia do autor: não somente o exílio da própria terra, mas de sua cidadania e até mesmo de sua própria língua (lembrando que a obra de Semprún é, em grande parte, escrita em francês); são pontos centrais em sua história de vida. Logo, a literatura se torna uma espécie de solo para o escritor, onde essas tensões são trabalhadas no sentido de estabelecer um local para si no mundo.

Semprun³ nessas obras: “Para que escrever livros se não inventarmos a verdade? Ou, melhor ainda, a verossimilhança?” (2005, p.134). Tal colocação tem um sentido no texto. Ao tratar de acontecimentos passados, *lembrados*, o autor os - dispõe com uma determinada orientação, feita pela *memória* (cf. LE GOFF, 2012, p.405), constituindo uma imagem do passado. Tal impressão será, por sua vez, elaborada pela linguagem e transposta à forma narrativa, considerada por Pierre Janet o ato mnemônico fundamental da memória (FLORÈS, 1972, p.12 *apud* LE GOFF, 2012, p.407).

Partindo dessa consideração a respeito da relação entre memória e narrativa, é importante situar tais componentes tendo por referência a experiência concentracionária. Para tanto, levantamos três questões: o quê narrar? Como? Por quê? Partindo dessas três pontuações, acreditamos ser possível atribuir um sentido às obras de Semprún, a luz de suas vivências políticas, seja no campo de Buchenwald, seja como membro do PCE.

Seligmann-Silva (2008, p.74) tece algumas considerações a respeito do caráter político do testemunho, a partir dos quais podemos situar melhor a leitura do relato sempruniano. Para o professor, os testemunhos podem ser enquadrados como alternativa à história oficial, levando em conta o livro *Temóins* (1929), de Jean-Norton Cru, que contou a história da Primeira Guerra Mundial a partir de relatos de soldados, oferecendo um caminho, sem dúvida crítico aos textos oficiais, laudatório para com os grandes nomes envolvidos no conflito; documento da barbárie, proposto por Walter Benjamin: “nunca existiu um documento da cultura que não fosse ao mesmo tempo um [documento] da barbárie” (1974, *apud* SELIGMANN-SILVA, 2008); papel de resistência, assumido pelos grupos de oposição aos regimes militares. Procuraremos ler os textos de Semprun a partir destes postulados, considerando sua relação com os regimes totalitários.

³ “¿Cómo vamos a hacer para comprender esa vida en un sitio rodeado de árboles, un bosque de hayas—Buchenwald quiere decir bosque de hayas, acota Semprún—, donde han desaparecido los pájaros porque el humo del crematorio los ha hecho salir de ese bosque? ¿Cómo se puede contar, cómo se hace comprender lo que es vivir en un bosque donde no se oye el rumor de los pájaros? Hace falta un poco de arte, de artificio.” (Entrevista concedida por Jorge Semprun a Guadalupe Alonso e José Gordon, da Revista da UNAM – 2011).

Alternativa à história oficial

Em nosso estudo, é importante pontuarmos a análise de Hannah Arendt (1998) acerca da propaganda totalitária, em sua obra clássica “Origens do Totalitarismo”. Para ela, os regimes totalitários articulam uma publicidade que é totalmente inverossímil, mas é coerente, cujo poder de atração está justamente no fato de fazer sentido para as massas não incluídas no jogo político (eliminação da fatuidade da história através de um discurso sobre a realidade baseado em leis históricas sobre as quais a ação contingencial parecia completamente banal), em uma realidade totalmente incongruente, no momento de colapso do sistema de classes, trabalhado anteriormente no mesmo capítulo do livro (p.401). Interessante notar como a questão do apagamento do limite entre ficção e real está em estreita ligação com o século XX, tanto na forma de cooptação das massas pelos movimentos totalitários, quanto na representação dos acontecimentos e das experiências por parte de quem *sobreviveu*. A nosso ver, a leitura de Arendt está em profunda sintonia com a de Seligmann-Silva (2000), exposta adiante, contribuindo para uma melhor compreensão deste *século do absurdo*, além de se relacionar diretamente com a vida de Jorge Semprun. Em “Um belo domingo” (1982), o autor critica o texto “A URSS e nós”, escrito pela cúpula do Partido Comunista Francês, o qual busca desconstruir o uso do termo *Gulag* para se tratar a respeito dos campos de concentração soviéticos:

(...) os intelectuais, cujos nomes prefiro esquecer, escreveram este parágrafo: “O emprego da palavra Gulag provoca reflexões da mesma ordem” – diziam assim porque se recusavam a empregar o qualificativo *stalinista* -. “Essa palavra é uma sigla. É formada por iniciais russas da direção do Estado dos campos de trabalho corretivo” – mais uma vez, bravo, velho Hegel! – “que designou até 1956 a administração dos campos. *Soljenitzyn compreendeu a carga afetiva que essas duas sílabas estranhas e inquietadoras podem conter; a ‘mass media’ organizou ao redor dela uma orquestração colossal e obsedante*. A palavra veio então a se interpor entre o ocidente médio” – que espécie nova é essa? De que híbrido se trata? – “e toda a visão racional e diferenciada do mundo socialista, de sua evolução e de sua realidade (p.144)

A obra sempruniana faz um contraponto a essas tentativas de falseamento da realidade por parte da intelectualidade comunista, que tece uma realidade inverossímil ao redor da experiência soviética. Para Semprun, negar o *Gulag* equivale a negar o *Lager*:

O que teriam dito esses intelectuais do P.C.F., no momento da projeção de *O Holocausto* nas telas de televisão européias – ou ocidentais médias –, da publicação de um texto deste gênero: “Tendo compreendido a carga afetiva que podem conter as palavras *câmara de gás* e *forno crematório*, os judeus – uma variante; poder-se-ia dizer: os sionistas – organizaram a respeito, através da *mass media*, uma orquestração colossal e obsessiva”? Teriam gritado ante o escândalo, sem dúvida. (Enfim, ousamos ainda esperar!) Contudo, foi exatamente a mesma coisa. Seu passo foi idêntico na direção da ignomínia (p.145).

Varandas (2014, p.24) aponta que a condição de ex-prisioneiro em Buchenwald fez com que parecesse contraditório para Semprun manter-se alinhado à direção do PCE, que se mantinha em estreita colaboração com Moscou e a política khrushchevista. Embora fale do caráter “razoável” do relatório do XX Congresso do Partido Comunista, em 1956 (SEMPRUN, 1982, p.317), o autor aponta as suas limitações ao reabilitar apenas uma parte da oposição a Stálin (p.318); o texto separa vítimas inocentes e merecedoras, criando assim uma justificativa para o massacre dos *kulaks* (p.320)⁴. Khrushchev buscava um modo de se afirmar desmobilizando dois opositores stalinistas, Molotov e Kaganovitch (p.318). Tal tentativa buscava ordenar o sistema soviético pelo alto, dando-lhe um verniz de legalidade, embora para o próprio Semprun não tenha perdido o aspecto de um golpe (p.319); além disso – importante assinalar –, toda aquela estrutura já havia sido edificada durante os anos de Terror postos em revista naquele congresso e seus participantes –inclusive o próprio Khrushchev– foram partes desse mecanismo (p.319 e p.321).

O próprio Semprun se reconhece como parte integrante do projeto socialista:

⁴ “Os *kulaks*, nessa época [janeiro de 1930, início da ‘Segunda Revolução Russa], eram camponeses proprietários de no máximo, 10 hectares de terra e duas ou três vacas. A mão-de-obra era familiar, acrescida de um ou dois trabalhadores assalariados – cujo total não ultrapassava dez pessoas. Stalin, entretanto, descrevia os *kulaks* como ‘classe exploradora’ e ‘último bastião do capitalismo’”. (FERREIRA, 2003, p.85)

(...) Apagar também a culpa que eu sentia de haver vivido na inocência patética da lembrança de Buchenwald, a inocente lembrança de ter pertencido ao campo dos justos, sem nenhuma dúvida, quando as ideias pelas quais eu acreditava estar lutando, a justiça pela qual eu acreditava estar me batendo, serviam no mesmo momento para justificar a injustiça mais radical, o mal mais absoluto: *o campo dos justos havia criado e gerado os campos de Kolyma* [grifo nosso] (1982, p.138-139)

O trecho destacado nos leva a outro:

Trinta e quatro anos antes⁵, você voltava de Buchenwald. Olhava as bandeiras vermelhas do primeiro de maio, engrinaldadas com as franjas efêmeras de neve impalpável. No mesmo momento, os campos do Gulag de Stalin começavam a receber os russos que haviam escapados dos campos nazistas. Na véspera do primeiro de maio foram retiradas das janelas da prisão de Lubianka, em Moscou, as cortinas de camuflagem. “A guerra visivelmente chegava ao fim”, escreveu mais tarde Alexander Soljenitzyn (1982, p.270).

Qual o sentido da libertação de Buchenwald quando o *Gulag* ainda permanece em funcionamento? Qual o envolvimento de Semprun com essa realidade? Sem dúvida, conforme já foi dito, o autor se vê como parte desse projeto, devido ao fato de ter se tornado entrado para o partido ainda durante a égide do stalinismo (1929-1953). A memória destes anos está, na visão deste, recoberta de sangue; não a sua memória especificamente (“Não havia nada do que me orgulhar, particularmente...), embora isso pudesse ter sido apenas uma questão de tempo (p.140).

Documento da barbárie

A visão da realidade enquanto catástrofe coloca em xeque a concepção tradicional de representação. Já que o real é catastrófico, como representá-lo? Duas respostas são oferecidas: o imagético ou um apego ainda maior ao realismo dos fatos. Nesse sentido, a *Shoah* segue como horizonte das discussões, por representar o marco maior do trágico século XX (SELIGMANN-SILVA, 2000, p.74-5). No caso da obra sempruniana,

⁵ A narrativa está situada no dia 01/05/1979

Karsten Garscha (2003 *apud* MARÇAL, 2013, p.109-10) aponta um *proceso de literalización de lo real*. Tal processo nada mais é que um modo utilizado pelo autor para narrar uma experiência extrema, inverossímil, impossível de se representar literalmente; segundo Garscha

(...) as repetições, levadas a cabo pelo discurso iterativo do narrador, indicam a impossibilidade de transmitir em sua totalidade a vivência em Buchenwald; a memória da catástrofe, por sua vez, aparece em seu duplo aspecto: como elemento estruturador do texto, substrato inesgotável que permite que o sobrevivente testemunhe escrevendo e reescrevendo uma história interminável, mas também como matéria indomável, resistente à reflexão, que se impõe por meio de imagens que serão aceitas ou rechaçadas pelo sobrevivente em função de seu poder de aguentá-las, descrevê-las e narrá-las.

O substrato do trauma é perene para quem o – experimentou, pois tal situação é marcante justamente pela repetição da cena traumática, um evento *transbordante* (SELIGMANN-SILVA, 2000, p.84). O trauma é um corpo estranho para quem o – viveu (SELIGMANN-SILVA, 2008, p.68) e sua dimensão e impacto tornam impossível representá-lo totalmente (idem). Nesse sentido, a imaginação surge como via de acesso, tornando possível o testemunho; o absurdo do *Lager* ganha caráter de verossimilhança com o texto ficcional (idem, p.70), sem, contudo, garantir-lhe literalidade.

A ambivalência do trauma é um ponto interessante a se destacar no texto d'O morto certo. Como já foi dito, esse é um livro-relato do campo de concentração; a estrutura deste lugar busca lançar no esquecimento os prisioneiros ali inseridos. A respeito da obra de outro sobrevivente, Primo Levi, prisioneiro em Auschwitz, Soares (2012, p.915) pontua:

No campo de concentração, a personalidade corria maior risco que a própria vida. O campo funcionava como um laboratório para a morte. Além do trabalho forçado, interessava aos que o montaram experiências destrutivas da vida. A idéia de eugenia, associada à de produção de uma raça superior ariana, se ligava também a um projeto de destruição daqueles considerados inferiores. Mas não se tratava da mera destruição física, caso em que os

prisioneiros poderiam ter sido executados sem a montagem de toda a estrutura dos campos. Estudava-se ali como eliminar pessoas, como destruí-las de modo integral. Saber disso, ter vivido na própria pele a constatação de onde chegamos, era assustador a ponto de os sobreviventes questionarem se valia a pena levar para fora do campo o que acontecia com eles ou se era melhor deixar morrer com eles, ali mesmo, toda aquela miséria.

A escrita desse livro suscita uma memória incômoda, mas que tem, por outro lado, o significado do triunfo sobre aquele mundo, um barramento ao projeto totalitário em descartar totalmente a personalidade daqueles indivíduos. Sem dúvida que há aqueles destruídos em sua individualidade pelos campos de concentração; são os *muçulmanos*, que não se encaixam ao ideal da resistência para sobreviver, mas se apagam e morrem individualmente; o *Lager* é aonde o limite entre vida e morte é borrado.

E mais: Semprun afirma a legitimidade de seu relato ao criticar a ideia de que somente os mortos poderiam escrever acerca da realidade concentracionária. Ao ironizar essa premissa e o sentimento de culpa pela sobrevivência (2005, p.14), o autor afirma a necessidade de se testemunhar essa *memória incômoda*, pois, caso contrário, esta morrerá junto com os sobreviventes (o próprio Semprun morreu há quatro anos).

Memória da resistência

Sem dúvida, você não nega, a insurreição armada de Buchenwald não foi um feito militar, não transformou o curso da guerra. Mas, o curso da guerra teria sido transformado, a guerra teria durado um dia a menos, um só dia a menos, se Paris não se sublevasse? Você sabe bem e Bruno Bettelheim devia saber quase tão bem quanto você, que as insurreições armadas dessa ordem tem, sobretudo, um significado político e moral. Assim, se o curso da guerra não mudou por causa da insurreição de Paris, o curso moral e político da história da França foi profundamente modificado. O mesmo para Buchenwald, diz você. O importante não era tanto fazer algumas dezenas de prisioneiros, ocupar o terreno no momento em que os SS começaram a evacuação precipitada dos mirantes e das casernas - isto é, no momento em que o risco de verter inutilmente, para a glória dos pequenos chefes, o sangue dos deportados era mínimo, praticamente reduzido a zero, momento perfeitamente calculado pela direção militar clandestina -, o importante era

quebrar, nem que fosse por algumas horas, a fatalidade da escravidão e da submissão. O poder não estava na ponta dos fuzis, naquele dia, em Buchenwald, você sabe muito bem: era a dignidade que estava na ponta dos seus fuzis. Foi por essa dignidade, por essa ideia da espécie humana, que você sobreviveu. (SEMPRUN, 1982, p.372)

(...) Não poderei viver o tempo todo nessa memória, François: você bem sabe que é uma memória mortífera. Mas voltarei a essa lembrança, como se volta à vida. Paradoxalmente, ao menos à primeira vista, à curta vista, voltarei a essa lembrança, deliberadamente, nos momentos em que precisar tomar novamente pé, recolocar o mundo em questão, e eu mesmo no mundo, repartir, relançar a vontade de viver esgotada pela opaca insignificância da vida. Voltarei a essa lembrança da casa dos mortos, do mortuário de Buchenwald, para reencontrar o gosto pela vida (SEMPRUN, 2005, p.142).

Os trechos destacados de *Um belo domingo* e *O morto certo* refletem uma atitude de resistência de Jorge Semprun para com a realidade concentracionária. A insurreição de Buchenwald teve um sentido no passado de elevar a moral dos prisioneiros, quando o efeito militar era nulo; a memória do *Lager* orienta para o futuro, faz renascer a vontade de viver. Tais sentidos das obras oferecem também uma possibilidade de leitura da postura do escritor em relação ao socialismo soviético; é preciso lutar por Eduardo Kuznetsov, é preciso lutar pelos judeus de Czestochowa (1982, p.271). A literatura torna-se um papel de resistência de Semprun em relação ao sistema dentro do qual esteve por quase vinte anos. Sua memória não é simples como a de outubro de 1934, do operário assassinado na Praça Cibebe em Madrid⁶; não há mais dois blocos antagônicos dos “bons” *versus* “maus”, no qual o socialismo representava o lado certo, barrado pela

⁶ “Estava tudo silencioso como hoje. Mas não era uma madrugada de junho, era uma tarde de outubro, em 1934. Portanto, não foi o silêncio da madrugada que me fez escutar o murmúrio das fontes. Foi um silêncio mais pesado. Um silêncio de morte, como se diz. E pelo menos dessa vez era verdade. Um silêncio, outrora, depois do estrépito das armas automáticas. Um cadáver fora deixado na praça. Um homem com um macacão azul de trabalho, abatido pelas rajadas da Guarda Civil. Uma de suas alpargatas rolou para longe, quando ele caiu” (SEMPRUN, 1982, p.313-214)

reação fascista. A experiência soviética, nas palavras de Franco Fortini - com as quais Semprun concorda-, é definida como uma catástrofe histórica (1982, p.369). A recusa da ideia, a qual Fortini aborda em seu texto sobre o desprezo da esquerda europeia a obra de Soljenitzyn, também foi compartilhada pelo autor (2005, p.102-104). Sua tomada de consciência é a recusa ao *Pensamento Correto*, um campo comum de resistência aos totalitarismos, seja pela memória do *Lager*, seja pela crítica a um poder que se mostrou tão opressivo quanto aquele que antes defendia. Pollak (1989, p.5) aponta que o período de silêncio ao redor de memórias reprimidas alimenta também a resistência sobre estas mesmas memórias, que, embora não venham a público rapidamente, uma hora emergem. A respeito de tal período podemos compreender como os anos que separam a libertação de Buchenwald (1945) até a publicação de *A longa viagem* (1963), seu primeiro romance. Tais anos refletem a opção do autor pela *vida*, após o período traumático (VARANDAS, 2014, p.19), nos quais suas lembranças acerca da experiência como militante e o período como prisioneiro⁷ se articulam e se contrapõem à memória oficial propagada pelo PCE.

Conclusão

Retornamos alguns parágrafos no texto para fazermos uma pontuação a respeito da própria possibilidade de uma representação literal de qualquer objeto, a partir da leitura do ensaio “A história como trauma”, de Márcio Seligmann-Silva (2000). Tendo a própria *Shoah* colocado em uma posição central tais questionamentos de uma forma geral, soa incongruente ignorar tais discussões (que, importante lembrar, são anteriores à ocorrência do Holocausto), desqualificando o caráter ficcional de alguns testemunhos, como é o caso de Jorge Semprún. Conforme já foi dito, a literatura traz

⁷ É importante que se defina a ênfase a memória do período de militância para Semprun em nosso texto, não somente por ser o foco do trabalho, mas também pelo seu impacto na obra deste autor. Para Varandas (2014, p.24), a expulsão do PCE foi mais devastadora psicologicamente para este do que as torturas físicas sofridas em Buchenwald, pois: “(...) o que estava aqui em causa era o facto de que deixar de ser comunista, significava que tudo aquilo em que Semprún acreditava desde jovem, todas as “ilusões” como lhe chama, tinham caído por terra” (idem). A prisão, apesar do horror, era devido à sua luta em prol de uma causa a qual se entregara e resumia todos os seus valores até então (idem).

para o historiador que se dispõe à sua leitura como registro do passado uma série de desafios, que enriquecem seu ofício, jamais tornam inválido tal estudo.

Bibliografia

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

FERREIRA, Jorge. O socialismo soviético. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. _____ . ZENHA, Celeste. **O século XX: O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v.2.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012

LEVI, Primo. Decodificação. In: **71 Contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

MARÇAL, Marcia Romero. O exílio, a memória e a relação entre arte e história na obra de Jorge Semprun. **Revista Alere**. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL. Cáceres, Ano 06, vol.08, nº08, dez 2013

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol.2, nº3, p.3-15, 1989

SELIGMANN-SILVA. Marcio. A história como trauma. In: NESTRÓVSKI, Arthur. _____ . **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. Clin.** Rio de Janeiro, v.20, n.1, p.65-82, 2008

SEMPRUN, Jorge. **Um belo domingo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982

_____. **O morto certo**. São Paulo: Arx, 2005

_____. Libro interminable de la memoria. **Revista de la Universidad Autónoma de México**, Cidade do México, n.89, p 61-64, 2011. Entrevista concedida a Guadalupe Alonso e José Gordon

SOARES, Geraldo Antonio. Os tormentos da memória: trauma e narrativa na obra de Primo Levi. **Varia História**. Belo Horizonte, v.28, nº48, p.911-927: jul/dez 2012.

VARANDAS, Tânia Alexandre de Matos. **O Mal Político e o Impacto da Guerra Fria no Pensamento de Jorge Semprun.** 2014. 124f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus). Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora.